

HISTÓRIAS DO FOLCLORE AFRO-BRASILEIRO

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE0306Q5

Estamos em pleno II Império. Campinas, do rico casario azulejado com telhados chatos, e largos beirais e de rendilhados gradis, servindo de pouso para as andorinhas migratórias, vive dias de prosperidade. Os barões do café, benevolentes, se orgulham da beleza da cidade e a exibem aos visitantes.

No conceito de todos, Campinas é mais bela do que São Paulo, a pacata capital da província. D. Pedro II, nas poucas ocasiões que viaja para estes lados, não deixa de visitar os amigos campineiros. Acontece então o corre-corre! Para hospedar e divertir S.M., organizam-se as cavalhadas, os solares se engalanam, banquetes, bailes, saraus, enfim, todos se rivalizam em apresentar as pompas. As casacas saem dos baús para cortejarem o Imperador do Brasil e as sinhazinhas exibem a elegância nata dos campineiros.

Coches e Vitorias, a demonstrarem a riqueza de seus proprietários, transitam pela cidade. Depois, terminados os festejos, a cidade retorna à sua calma costumeira. Os "disse-me-disse" se amainam e as lembranças ficam resguardadas em crônicas.

Os abastados fazendeiros voltam para suas terras à procura de descanso após tanto bulício. Nas moradas solarengas, dominando os verdes cafezais, revivem nos calmos serões o que foi dito, o que foi feito, durante a visita imperial.

Na sede da Fazenda das Cabras, dos Barões de Itatiba, a família está reunida. Mais abaixo, está a senzala, atulhada de escravos, que ajudam o Barão no seu trabalho de enriquecer. São peças escolhidas, vindas diretamente da África, que trabalham alheias aos acontecimentos da cidade: o que pensam, o que sofrem, nada disso é registrado. A massa negra se movimenta solitária na labuta e no anonimato.

Estamos na época das chuvas, da canícula violenta, e o mato está sempre a brotar entre os cafezais, fazendo os escravos sempre muito ocupados. Na lavoura, Pai Tião, negro velho de muitos verões nas costas, capina na rabeira dos negros do eito. Pela idade ele já bem merece o repouso, mas, fazendeiro que se preza não rejeita o trabalho de braço valente, embora vergado pelos anos.

Pai Tião é preto de raça pura, tem sangue grosso e forte, de boa circulação. Por isso ainda moureja na roça. Enquanto capina as beiras de café vai pensando:

"Véio precisa mexê prá conservar o sangue quente; véio quando se amolita nos cantos com malandrice fica doente, esfria, fraqueja e logo morre."

E Pai Tião, consolando-se vai cuspidando nas palmas das mãos para melhor firmar o cabo da enxada, já liso e lustroso de tanto ser maneja-

do. Enquanto medita, ouve o ressoar dos cascos de cavalo pelo carreador. Erguendo a cabeça vê aproximar-se Nhô Lao, filho mais moço dos Barões, seus senhores. "Jus Cristo!" — exclama dando-lhe a bênção. E sinhozinho sorri para o velho ao mesmo tempo que nota sua aparência cansada, de respiração ofegante. Num arroubo de bondade, o jovem desce da montaria e manda o negro velho ir descansar à sombra de um pé de café e adianta-lhe a tarefa. Depois, reencontra Pai Tião já refeito, devolve-lhe a ferramenta de trabalho e se despede.

O ancião, querendo retribuir tanta bondade, ergue a mão numa bênção e diz:

"Fio e bondoso sinhô, qui Deus te ajude e abençoe por toda a vida! Qui nunca farte dinheiro e mesa farta para teus fios e toda a gente de vosmecê!". E curvando-se recomeça a capinar.

Nhô Lao aceitou a bênção do negro rezador, dada com tanto amor, e dela fez bom uso. Continuou homem bom, cheio de fartura e tradição, morrendo velho e respeitado.

Este quadro à pastel e guache, doado ao Museu de São Manuel, faz parte da fase impulsiva, embora sem usar grafismos como meio de expressão.

As referências históricas foram colhidas com dona Ana Ferreira do Amaral.

